

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria do Meio Ambiente
Fundação Florestal

Revegetação matas ciliares e de proteção ambiental

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE
FUNDAÇÃO FLORESTAL

Revegetação matas ciliares e de proteção ambiental

Elaborado por
Eng. Agr. Antônio Carlos de Macedo

Revisado e ampliado por
Prof. Dr. Paulo Y. Kageyama
Prof. M.S. Luiz G. S. Costa

São Paulo
1993

Revegetação
matas ciliares e de proteção ambiental
© Fundação Florestal, 1993

Produção Editorial
Coordenador
José Venâncio de Rezende
Ivanisa Alcântara

Planejamento/Edição de Texto
Vera Helena Farinas Tremel

Digitação
Grizelda Serrano

Capa e editoração eletrônica
Liliana Iris Buccianti

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Macedo, A. C.
REVEGETAÇÃO: matas ciliares e de proteção
ambiental / A. C. Macedo; revisado e ampliado por
Paulo Y. Kageyama, Luiz G. S. da Costa.
- São Paulo: Fundação Florestal, 1993

Acima do Título: Governo do Estado de São
Paulo. Secretaria Estadual do Meio Ambiente.
Fundação Florestal
Bibliografia

1. Florestas 2. Florestas - São Paulo (SP)
I. Título

Índice para catálogo sistemático:

1. Reflorestamento : São Paulo : Estado : Silvicultura 634.9568161
2. São Paulo : Estado : Reflorestamento : Silvicultura 634.9568161

Distribuição
Fundação Florestal

Sumário

INTRODUÇÃO

A FLORESTAL TROPICAL: BASES PARA A REVEGETAÇÃO

Diversidade de Espécies

Dinâmica da Floresta

AS ESPÉCIES E OS GRUPOS ECOLÓGICOS

REVEGETAÇÃO COM ESPÉCIES NATIVAS: Modelos

Esquemas de modelos de revegetação

Esquemas de modelos para enriquecimento de capoeiras

ADAPTAÇÃO DOS MODELOS ÀS ÁREAS DE PLANTIO

O cuidado permanente

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Introdução

Em função da crescente consciência sobre a importância da preservação ambiental, e do avanço das leis que disciplinam a ação humana nas florestas de proteção, um alto interesse vem sendo despertado para os programas de revegetação em áreas degradadas, exigindo que os conhecimentos técnico-científicos sejam rapidamente repassados aos potenciais usuários desses programas.

Assim, o presente trabalho foi elaborado com vistas a dar subsídios para os programas de reflorestamento misto com espécies nativas, visando à recuperação da estrutura e da função das chamadas matas de proteção ambiental, principalmente as matas ciliares. Em razão da diversidade e complexidade das matas tropicais, é fundamental o uso de conceitos e modelos específicos, os quais são apresentados e discutidos com a finalidade de apoiar iniciativas e ações de revegetação de áreas degradadas.

As florestais naturais primárias são aquelas que pouco sofreram com a ação do homem, conservando suas características de alta diversidade e auto-regeneração. Aquelas que sofreram a intervenção humana, - as chamadas florestas perturbadas, por sua vez, ainda têm condições de retornar à uma condição próxima da original, anterior ao processo de perturbação. Finalmente, as florestas degradadas, são as que perderam sua capacidade de se auto recuperar, necessitando do trabalho de revegetação e/ou enriquecimento.

As chamadas florestas de proteção ambiental, diferente das de produção, são aquelas que fornecem bens indiretos ao homem: por meio das florestas de proteção ambiental, é possível proteger as nascentes e os cursos d'água, minimizar a erosão, preservar a fauna etc. O Código Florestal considera como de preservação permanente as matas ciliares, nome que se dá à vegetação ao redor de nascentes, assim como de picos de morros e encostas íngremes.

As matas ciliares degradadas, que margeiam os cursos d'água, são áreas que demandam prioridade para as ações de revegetação e/ou enriquecimento. Essas matas têm um papel

estratégico na conservação da biodiversidade, na preservação da qualidade da água e para a formação de corredores entre as poucas reservas de matas primárias ainda existentes em nosso Estado.

O processo de regeneração na floresta natural através das clareiras (sucessão secundária) tem sido usado como fundamento para o plantio misto de espécies nativas, visando à revegetação de matas ciliares e outras florestas de proteção. Nesse sentido, o uso de espécies pioneiras, assim como a separação do grande número de espécies de espécies da floresta tropical em grupos ecológicos, tem sido fundamental para esse processo.

A floresta tropical: bases para a revegetação

Diversidade de espécies

O processo de desmatamento nos trópicos tem levado à fragmentação das florestas e à extinção de espécies animais e vegetais. A fragmentação ocorre quando uma grande extensão de habitats é transformada em numerosas manchas menores, com áreas totais pequenas e isoladas uma das outras, como se apresenta atualmente o Estado de São Paulo.

A floresta tropical é extremamente complexa e sua dinâmica está assentada na interação planta x animal. Os animais são responsáveis pela manutenção das diferentes espécies de plantas nos ecossistemas, através de sua participação nos processos de polinização e dispersão de sementes.

A polinização é a transferência do pólen da flor de uma árvore para outra árvore da mesma espécie. Para o perfeito funcionamento desse processo, as plantas desenvolveram atrativos nas flores para os animais. Insetos, pássaros e morcegos, ao se alimentarem e visitarem diversas flores, executam o processo de polinização na floresta tropical. Aproximadamente 95% das espécies arbóreas têm como polinizadores esses animais.

A dispersão é o transporte e distribuição das sementes pelos animais e pelo vento, tendo influência direta na estrutura da floresta. Os animais enterram, regurgitam ou defecam as sementes, que vão fornecer novos indivíduos. Em matas ciliares e em outras áreas de florestas do nosso Estado, observou-se que a dispersão por animais é de aproximadamente 95% e 75%, respectivamente.

Uma das principais características da floresta tropical é o fato de as espécies apresentarem poucos indivíduos por unidade de área. Essa característica permite a alta diversidade de espécies nessas florestas: em 1,0 ha da floresta tropical, podem ocorrer mais de 200 espécies arbóreas diferentes.

Essa diversidade pode ser reduzida pelas modificações causadas pelo processo de fragmentação e sua recuperação e manutenção são promovidas através de práticas de revegetação e proteção ambiental das áreas. No processo de revegetação, deve-se levar em conta que tanto a alta diversidade como os polinizadores e dispersores devem estar presentes para assegurar a continuidade da floresta no futuro.

Dinâmica da floresta

A dinâmica da floresta tropical é o processo pelo qual as espécies se regeneram e se desenvolvem naturalmente. Isso se dá através da queda das árvores, provocando a formação de clareiras de diferentes tamanhos, que são ocupadas por novos indivíduos de diferentes espécies. A variação das clareiras no espaço e no tempo dá origem a um mosaico de diferentes estágios sucessionais.

O fator principal que influencia a colonização das clareiras é a luz. Algumas espécies são bastante tolerantes à sombra e têm seu crescimento inibido quando expostas a níveis elevados de luz. Outras espécies adaptam-se à plena luz, enquanto outro grupo exige luz somente num estágio de seu ciclo de vida. Diferentes tamanhos e formas de clareiras produzem situações diversas de microclima, possibilitando que diferentes grupos de espécies se estabeleçam.

As espécies e os grupos ecológicos

A separação das espécies arbóreas em grupos ecológicos é uma maneira de possibilitar o manuseio do grande número de espécies da floresta tropical, mediante seu agrupamento por funções semelhantes e de acordo com as exigências. Diferentes critérios para a classificação das espécies têm sido utilizados, com base principalmente na resposta à luz das clareiras ou ao sombreamento do dossel.

As diferentes classificações compreendem três grupos. O primeiro grande grupo, que é o das **pioneiras**, têm rápido crescimento, germinam e se desenvolvem a pleno sol, produzem precocemente muitas sementes pequenas, normalmente com dormência, as quais são predominantemente dispersadas por animais. São também denominadas de especialistas de grandes clareiras (> 200m²). Na floresta tropical, ocorrem em pequeno número de espécies, com um grande número de indivíduos.

As principais espécies arbóreas pioneiras que ocorrem no Estado de São Paulo e que têm sido utilizadas em plantios de florestas de proteção são: *Trema micrantha*, *Cecropia sp*, *Croton floribundus*, *Croton urucurana*, *Mimosa scabrella*, *Miconia cinamomipholia*, *Solanum sp*, *Mimosa bimucronata*, *Citarexylum myrianthum*, *Inga sp*, *Piptadenia sp*, *Gudnuzuma ulmifolia*, dentre outras.

O segundo grande grupo, que é o das **climácicas**, têm crescimento lento, germinam e se desenvolvem à sombra e produzem sementes grandes, normalmente sem dormência. São denominadas também tolerantes, ocorrendo no sub-bosque ou no dossel da floresta. As espécies deste grupo ocorrem também em pequeno número, com médias e altas densidades de indivíduos.

São espécies características do grupo das climácicas em nosso Estado as seguintes: *Esenbeckia leiocarpa*, *Euterpe edulis*, *Copaifera langsdorffii*, *Hymenaea stilbocarpa*, *Securinega guaraiuva*, *Ilex paraguayensis*, *Entorolobium contortisiliquum*, dentre outras.

Entre esse dois grupos, está a maioria das espécies, classificadas como o grupo das **secundárias**, também denominadas de especialistas de pequenas clareiras, oportunistas, nômades ou intermediárias. Essas espécies apresentam, como principal característica, a capacidade de suas sementes germinarem à sombra, mas requerendo a presença da luz para seu desenvolvimento. São espécies características do dossel ou do estado emergente. Na floresta tropical, ocorrem em grande número de indivíduos por área. São as secundárias as responsáveis pela alta diversidade dessas florestas.

Neste grupo destacam-se, dentre outras, as espécies *Cariniana legalis*, *Cabrlea canjerana*, *Cedrela fissilis*, *Tabebuia* sp, *Balfourodendron riedelianum*, *Centrolobium tomentosum*, *Astronium urundeuva*, *Jacaratia spinosa*, *Chorisia speciosa*.

Deve-se observar que essa classificação tem sentido puramente de orientação para os plantios mistos e não deve ser entendida de forma rígida e definitiva. Isto porque ainda é restrita a compreensão sobre o processo de dinâmica da floresta tropical, assim como também são escassas as informações silviculturais das espécies em plantios mistos.

Revegetação com espécies nativas: modelos

A revegetação objetiva criar condições para que uma área degradada recupere algumas características da floresta original, criando uma nova floresta com características estruturais e funcionais próximas às das florestas naturais.

Na revegetação deve-se envolver os diferentes grupos ecológicos sucessionais, arranjos de forma tal que suas exigências sejam atendidas pelos modelos. As espécies do estágio inicial de sucessão - as pioneiras ou sombreadoras - são importantes para que as espécies dos estágios finais (não pioneiras ou sombreadoras) tenham condições adequadas para seu desenvolvimento.

Os resultados de experimentos e observações de campo, em plantios mistos de espécies nativas, permitem algumas generalizações sobre a silvicultura, que podem ser assim resumidas:

- a) As diferentes espécies pioneiras fornecem níveis diversos de sombreamento, podem ser subdivididas em pioneiras de copa densa e pioneiras de copa rala. As pioneiras devem ser plantadas em número restrito de espécies (de 2 a 5), envolvendo os dois subgrupos, com grande número de indivíduos por área (de 200 a 500/ha);
- b) As espécies do grande grupo das não pioneiras (secundárias e climáticas) deverão ocupar os diferentes graus de sombreamento promovido pelas pioneiras. As secundárias deverão ser plantadas em um grande número de espécies (mais de 30), com pequeno número de indivíduos por área (de 5 a 20/ha); as climáticas, por sua vez, com um médio número de espécies (de 5 a 10/ha) e um médio número de indivíduos por área (de 50 a 100/ha).

No trabalho de revegetação, alguns procedimentos gerais devem ser seguidos, independente das características de cada local:

- 1) uso exclusivo de espécies nativas de ocorrência regional;
- 2) existência de informações silviculturais sobre as espécies;
- 3) utilização do maior número de espécies, para promover a diversidade e a conservação dos recursos genéticos; e
- 4) preferencialmente, usar sementes de no mínimo 10 árvores para cada espécie, colhidas se possível de florestas naturais, para minimizar os efeitos de consangüinidade.

Podem ser utilizados diferentes modelos nos programas de revegetação, visando à recuperação e à manutenção das florestas de proteção. Esses modelos apresentam formas de distribuição dos diferentes grupos ecológicos no local onde se pretende a revegetação, assim como apresentam diversas proporções entre as espécies empregadas.

Porém, somente a aplicação dos modelos não garante o sucesso da revegetação. A escolha do melhor modelo deve ser feita cuidadosamente, levando-se em conta vários fatores. As exigências das espécies e a sua adaptação às condições locais de solo, clima e umidade, por exemplo, são elementos importantes para a escolha do modelo. Outro fator relevante é o conhecimento prévio da área a ser revegetada, o que pode ser obtido mediante o levantamento de informações tais como:

- 1) levantamento histórico da área quanto à sua utilização, preparo do solo, cultivo etc.;
- 2) caracterização do local a ser revegetado, quanto a condições de clima, fertilidade, textura, permeabilidade e profundidade do solo, topografia e presença de água (altura do lençol freático, umidade, encharcamento, inundações periódicas etc.);
- 3) caracterização do tipo de formação vegetal existente originariamente e aferição das espécies de ocorrência regional;
- 4) seleção das espécies nativas regionais adaptáveis ao local a ser revegetado; e

- 5) determinação do percentual de participação em função da cobertura vegetal existente originalmente no local a ser revegetado, do grupo ecológico ao qual pertence e levantamento da frequência ou raridade com que cada espécie ocorre naturalmente.

Esquemas dos modelos de revegetação

Modelo I

Este modelo consiste na implantação de uma linha de pioneiras alternada com uma linha de não pioneiras. O plantio pode ser simultâneo ou em épocas diferentes. A distribuição das plantas nas linhas pode ser ao acaso, misturando-as antes do plantio, ou numa forma sistemática, colocando as espécies disponíveis numa seqüência estabelecida.

A principal vantagem deste método está na facilidade de implantação, pois incorpora a rotina do produtor no cultivo de qualquer cultura, só exigindo o cuidado de separar os dois grupos nas linhas alternadas. Como desvantagem, se for utilizado o plantio simultâneo, as plantas das não pioneiras levarão mais tempo para receber sombreamento.



Modelo II

Neste modelo os grupos de pioneiras e não pioneiras são alternados na linha de plantio. Na linha seguinte, altera-se a ordem em relação à linha anterior. Dentro de cada um dos grupos, pode-se distribuir as espécies ao acaso ou sistematicamente, da mesma forma que no modelo anterior.

A grande vantagem desse modelo é a distribuição mais uniforme dos dois grupos na área, promovendo um sombreamento mais regular. No entanto, exige um cuidado maior na implantação dentro da e entre as linhas.



Legenda



Pioneira



Não pioneira

/

Modelo III

Este modelo consiste na separação das pioneiras em dois subgrupos, as pioneiras de copa mais densa (ex. *Cecropia sp*). O plantio sistemático dos dois subgrupos vai criar um gradiente de luz para diferentes tipos de não pioneiras.

A vantagem deste modelo reside na criação de diferentes microclimas para satisfazer as exigências dos diferentes tipos de não pioneiras. Este modelo exige do produtor, além do conhecimento sobre os dois grupos, que saiba proceder à separação das espécies, dentro de cada um deles. Além disso, requer muito mais cuidado na implantação, por se tratar de modelo mais sofisticado.



Legenda



Pioneira de copa densa



Pioneira de copa rala



Climax.



Secundária mais exigente de luz



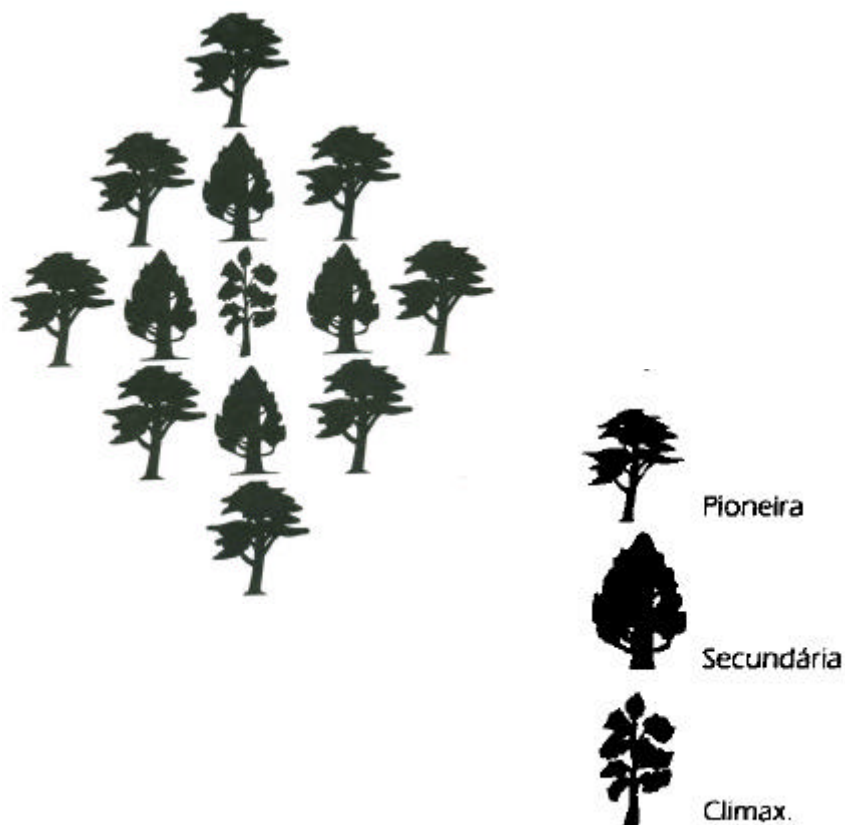
Secundária menos exigente de luz

Esquemas dos modelos de enriquecimento de capoeiras

Modelo I

Este modelo é constituído por um conjunto de 13 plantas, na forma de um cruzeiro, sendo oito pioneiras distribuídas na borda, e cinco não pioneiras no interior. Das cinco não pioneiras, o indivíduo central é uma climácica, que fica rodeada por quatro secundárias. Cada um desses conjuntos poderá ser colocado nos locais abertos, dentro da vegetação existente. Para formar um conjunto, excetuando o indivíduo central, é possível utilizar uma ou mais espécies dentro de cada grupo.

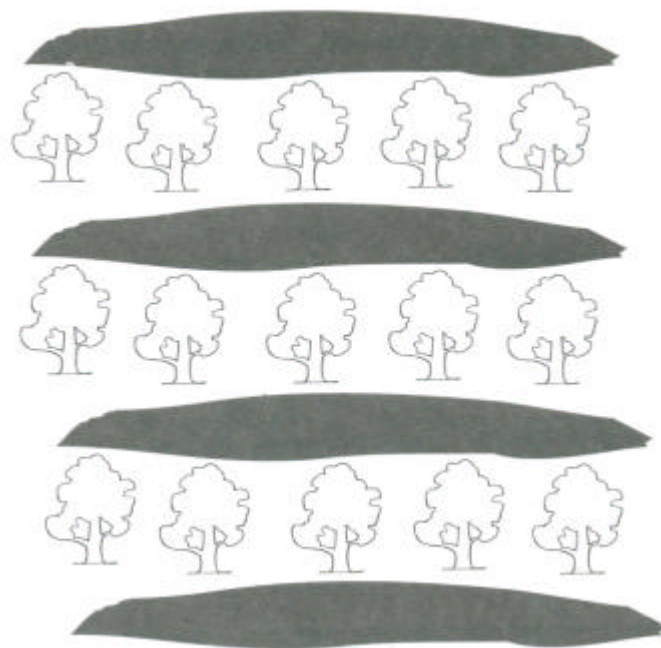
A vantagem desse modelo é de controle individual do comportamento das espécies não pioneiras da parte central do conjunto, principalmente da planta climácica. A restrição nesse caso é que a sua utilização é possível somente em pequenas ilhas de não vegetação.



Modelo II

Este modelo consiste em implantar linhas de espécies não pioneiras, regularmente espaçadas entre si, em picadas abertas no meio da vegetação secundária (capoeira). Na implantação da linha de não pioneiras, pode-se distribuir as espécies ao acaso ou sistematicamente.

Este modelo é restrito à atividade de enriquecimento de vegetação secundária.



Legenda



Capoeira



Não pioneira

Adaptação dos modelos às áreas de plantio

Dependendo das características locais, algumas situações típicas exigirão medidas específicas e, em certos casos, adaptação dos modelos propostos.

Áreas cultivadas

As áreas que já vêm sendo cultivadas apresentam algumas vantagens para os plantios de recuperação de áreas degradadas, uma vez que, em geral, o solo apresenta boas condições para o desenvolvimento das plantas e nessas condições as plantas invasoras encontram-se sob controle.

Neste caso, aproveita-se o adubo e o preparo do solo da cultura anterior. Pode-se utilizar os modelos I, II e III, sendo viável o plantio de maior número daquelas pioneiras que são longevas e não agressivas, pois há, nessas condições, maior controle das invasoras. Nesta situação, o modelo III é o mais adequado, pois é compatível com as ótimas condições da área.

O espaçamento geral para todas as espécies pode ser de 2,5 x 2,0m (2.000 plantas/ha) para uma rápida cobertura do solo, ou de 3,0 x 3,0m (1.100 plantas/ha) para uma cobertura mais lenta.

Áreas com gramíneas invasoras

Nesta situação, deve-se utilizar um modelo de alta densidade de pioneiras agressivas e sombreadoras para recobrir rapidamente o solo, assim como controlar as gramíneas invasoras. O modelo I é o mais indicado e a densidade de 2.000 a 2.500 plantas/ha é desejável. Neste caso, pode-se plantar no primeiro ano as pioneiras e no segundo as não pioneiras.

Áreas de capoeira

Existem duas sugestões para essa situação. A primeira será o enriquecimento, com não pioneiras, nas linhas, distantes entre si 5 metros e com 3 metros entre as plantas. A abertura da picada para o plantio deve ser a mais estreita possível, sendo desejável uma largura de 1 metro. Uma segunda maneira será a implantação do modelo em forma de cruzeiro (13 plantas) nas ilhas sem vegetação, com espaçamento de 2,0 x 2,0 m para os três grupos sucessionais de espécies.

Áreas muito degradadas

As áreas muito erodidas, em que foi retirado o solo, assim com em áreas pedregosas, deve-se primeiro recuperar o solo com espécies pioneiras agressivas, preferencialmente leguminosas, com alta densidade (de 2.000 a 2.500 plantas/ha). O plantio deve ser feito em curva de nível, com terraços quando for o caso. O modelo I de revegetação é o mais adequado para esse caso. Deve-se efetivar o plantio inicial das pioneiras e, somente depois de recuperado e protegido o solo, entrar com as não pioneiras. Em áreas de afloramento de rochas deve-se plantar gramíneas, ciperáceas e leguminosas herbáceas (*Stylosanthes sp*, *Indigofera sp* etc.). Nos dois casos pode-se utilizar a semeadura direta, quando houver grande quantidade de sementes disponível.

O cuidado permanente

Ao dar início à atividade de revegetação em áreas de florestas de proteção, é importante considerar que, através deste trabalho, somente se estará fornecendo os ingredientes iniciais necessários para o início de um processo de restauração da área. A manutenção e proteção das matas, após essa fase, dará condições para que a natureza se encarregue da continuidade do processo.



Esquema de corredores de ligação entre reservas de conservação, através da revegetação de matas ciliares na bacia hidrográfica.

É importante destacar também que a formação de mudas, para o plantio nos moldes aqui preconizados, exige um cuidado muito especial, para que os propágulos tenham condições adequadas para a continuidade de crescimento e desenvolvimento da nova floresta.

As propostas apresentadas baseiam-se em resultados de plantio em grande escala no campo, e que têm mostrado ser viável o plantio misto com espécies nativas. Essas plantações, com o uso de pioneiras como sombreadoras, têm recoberto o solo na maioria das vezes no prazo de um ano. As pioneiras cresceram até mais do que 4 metros de altura, no primeiro ano. Esses resultados alentadores motivam os pesquisadores, ao mesmo tempo que mostram aos produtores ser plenamente viável o plantio de espécies nativas.

Nas áreas de proteção com floresta perturbada, mas em que ocorrem a chegada de sementes de outros fragmentos vizinhos, é aconselhável proteger-se a área com cerca para evitar a entrada de animais. Para proteção contra fogo, é preciso estabelecer aceiros e mantê-los limpos. Deve-se também desenvolver atividades de manutenção da área, tais como a eliminação de espécies invasoras agressivas (bambú, capim colônia etc.) e liberar as plantas jovens de cipós agressivos. Os cipós não pioneiros não interferem no desenvolvimento das plantas suporte, devendo ser mantidos como parte da diversidade.

Finalmente, vale enfatizar que o modelo buscado é aquele em que as matas ciliares e de proteção sejam corredores de ligação das reservas médias e grandes existentes na bacia hidrográfica do local em questão. Assim, nos programas de revegetação, a unidade de trabalho deve ser a bacia hidrográfica.

No que se refere aos substratos, o mais usado é terra de

Bibliografia consultada

- BAZZAZ, K. S. e PICKETT, S. T. 1980. Physiological ecology of tropical succession: a comparative review. *Ann. Ver. Ecol. Syst.*, 11:287-310.
- BUDOWSKI, G. 1965. Distribution of tropical american rain forest species in the light of sucession processes. *Turrialba*, (15):40-2.
- CARPANEZZI, A. A.; COSTA, L. G. S.; KAGEYAMA, P. Y. e CASTRO, C. F. A. 1990. Espécies pioneiras para recuperação de áreas degradadas: a observação de laboratórios naturais. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 6º, Campos do Jordão, de 22 a 27/9/1990, v. 3, p.216-221.
- DENSLOW, J. S. 1980. Gap partitioning among tropical rain forest trees. *Biotropica*, 12: 47-55 (Suplement).
- DURIGAN, G. 1991. Análise comparativa do modo de dispersão das sementes das espécies de cerradão e de mata ciliar no município de Assis/SP. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DE SEMENTES FLORESTAIS. 2º. Atibaia, de 16 a 19/10/1989. *Anais*. São Paulo, SMA/Instituto Florestal, 1989. p. 278.
- GIBBS, P. E. e LEITÃO FILHO, H. F. 1978. Floristic composition of na area of gallery forest ner Mogi-Guaçu, State of São Paulo. S.E. Brazil. *Ver. Bras. Bot.*, 1(2):151-6.
- KAGEYAMA, P. Y. (coord.). 1986. Estudo para implantações de matas ciliares e proteção na bacia hidrográfica do Passa Cinco, visando à utilização para abastecimento público. Piracicaba. DAEE/USP/FEALQ. 236P. (Relatório de Pesquisa).

- KAGEYAMA, P. Y.; CASTRO, C.F.A. e CARPANEZZI, A. A. 1989. Implantação de matas ciliares: estratégias para auxiliar a sucessão secundária. In: SIMPÓSIO SOBRE MATA CILIAR, São Paulo, 1989. *Anais*. Campinas, Fund. Cargill, 1989. p. 130-43.
- KAGEYAMA, P. Y.; BIELA, L. C. e PALERMO JÚNIOR, A. 1990. Plantações mistas com espécies nativas com fins de proteção a reservatórios. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO. 6º, Campos do Jordão, de 22 a 27/9/1990.
- KAGEYAMA, P. Y.; CARPANEZZI, A. A. e COSTA, L. G. S. 1991. Diretrizes para a reconstituição da vegetação florestal ripária de uma área piloto da bacia de Guarapiranga. Relatório apresentado à Coordenadoria de Planejamento Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente. Piracicaba. 1991. 40p.
- KAGEYAMA, P. Y e SANTARELLI, E. 1993. Reflorestamento misto com espécies nativas: classificação silvicultural e ecológica de espécies arbóreas. Apresentado no Congresso Florestal Brasileiro, Curitiba/PR.
- LEITÃO FILHO, H. F. 1987. Considerações sobre a florística de florestas tropicais e subtropicais do Brasil. *IPEF*, Piracicaba, 35: 41-46.
- VIANA, V. M.; TABANEZ, A. J. A. e MARTINEZ, J. L. A. 1992. Restauração e manejo de fragmentos florestais. In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, 2º, São Paulo, de 29/3 a 3/4/1991. *Anais*. São Paulo. SMA/Instituto Florestal (e: 400-406).

Maiores informações

Para obter maiores informações sobre atividades de revegetação nas diferentes regiões do Estado, entre em contato com algum desses órgãos:

Fundação Florestal
Rua do Horto, 931 - Horto Florestal
02377-000 São Paulo - SP
Tel. 11-6997.5000

IBAMA
Al. Tietê, 637
01417-020 São Paulo - SP
Tel. 11-

Instituto Florestal
Rua do Horto, 931 - Horto Florestal
02377-000 São Paulo - SP
Tel. 11-6231.8555

Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais - IPEF
Av. Pádua Dias, 11
13418-260 Piracicaba - SP
Tel.

CESP - Companhia Energética de São Paulo
Diretoria de Meio Ambiente
Al. Ministro Rocha Azevedo, 25
01410-900 São Paulo - SP
Tel.

Centro de Adaptação e Transferência de Tecnologia de
Preservação dos Recursos Naturais - CATI
Av. Brasil, 2340 - Jardim Brasil
13073-001 Campinas - SP
Tel.

IBt - Instituto de Botânica
Av. Miguel Stéfano, 3687 - Água Funda
04301-012 - São Paulo - SP
Tel.